



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

29 e 30 de novembro de 2014

Notícias do Dia – Yula Jorge

“Novos cirurgiões”

Cirurgiões / Hospital Universitário / UFSC / Kuang Hee Lee / Leandro Soares Grangeiro /
Jorge Bins Ely / Curso de medicina / Unisul Pedra Branca



Formados. Os “quase” cirurgiões plásticos Kuang Hee Lee (à esq.) e Leandro Soares Grangeiro (à dir.) com o médico Jorge Bins Ely, professor de Medicina da Unisul de Palhoça e diretor da escola de cirurgia plástica de Santa Catarina

Novos cirurgiões

Este ano, dois novos cirurgiões plásticos formados pela única escola que existe no Estado (Hospital Universitário da UFSC) entram no mercado: o sul-coreano Kuang Hee Lee e o catarinense Leandro Soares Grangeiro. Com eles, já são 36 cirurgiões formados desde 1998 pela escola, cujo diretor é Jorge Bins Ely, professor do curso de Medicina da Unisul Pedra Branca. A prova para seleção dos novos alunos é agora em dezembro. São mais de 60 candidatos por vaga.

Diário Catarinense Agenda da Semana

“Aulão DC”

Aulão DC / Especial UFSC



Diário Catarinense

Moacir Pereira

“Memória”

Memória / Memorial do Ministério Público / Osni de Medeiros Régis / Artigos e discursos /
Direito / UFSC / Procuradoria Geral de Justiça



Diário Catarinense

Moacir Pereira

“Lançamento”

Lédio Rosa / Tribunal de Justiça do Estado / Associação dos Magistrados Catarinenses /
Contos fora da lei / Rodrigo de Haro / UFSC



Notícias do Dia

Carlos Damião

“Ponto final”

30 de novembro / Brasil / João Baptista Figueiredo / Florianópolis / Novembrada / Praça 15 de novembro / Rua Felipe Schmidt / Polícia Militar / Manifestação / Jornal da Semana / James Tavares / Floriano Peixoto / Laureci Cordeiro / Ditadura militar / Ponto Chic / Protestos / Palácio dos Despachos / Palácio Cruz e Sousa / Rosângela Koerich / UFSC / Adolfo Luiz Dias / Ligia Giovanella / Amilton Alexandre / Geraldo Barbosa / Marize Lippel / Newton Vasconcelos Júnior / Nelson Wedekin / Comissão de Paz / Carlos Alberto Silveira Lenzi / OAB-SC / Lei de Segurança Nacional



carlosdamiao@gmail.com
@damiao_ND

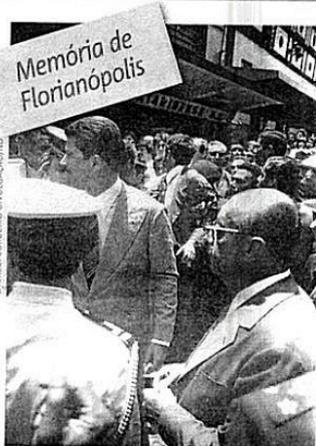
PONTO FINAL

Um 30 de novembro inesquecível

Nunca houve um 30 de novembro como aquele de 1979, um dia histórico no Brasil, protagonizado por dois personagens – o então presidente-general João Baptista Figueiredo e o povo. Há 35 anos Florianópolis ferveu com a Novembrada, com milhares de pessoas protestando pelas vias centrais, em especial na praça 15 de Novembro e na rua Felipe Schmidt. Houve forte repressão policial, embora a Polícia Militar não estivesse preparada, com efetivo suficiente, para enfrentar a manifestação, pequena no início, ruidosa no decorrer e violenta ao final. O Jornal da Semana, na ampla reportagem que publicou sobre o caso – da qual participei como repórter “foca” – estampou em sua capa: “A batalha do calçadão”. O evento só seria lembrado pelo nome de Novembrada posteriormente.

No início deste mês publiquei aqui uma imagem, do fotógrafo James Tavares, mostrando a placa em homenagem a Floriano Peixoto, arrancada de seu pedestal de concreto por populares naquele dia. Hoje trago três imagens de outro fotógrafo, Laureci Cordeiro, que atuou na cobertura daquele dia e nos dias posteriores, quando houve novas manifestações, contra a prisão de sete estudantes.

Na primeira imagem, vemos o presidente João Figueiredo (1918-1999), que governou o Brasil entre março de 1979 e março de 1985, o último mandatário da ditadura militar. Ele estava em frente ao Ponto Chic, para onde se dirigiu com o objetivo de cumprir a agenda de sua equipe de marketing – tomar um cafezinho e receber o título de Senador, concedido pelo nosso Senadinho.



Presidente João Figueiredo na rua Felipe Schmidt

Houve uma enorme confusão em volta dele, porque os protestos tinham começado mais de uma hora antes, em frente ao Palácio dos Despachos, hoje Palácio Cruz e Sousa. Ele cumpriu o ritual do cafezinho, recebeu a homenagem e voltou ao palácio escoltado pelos seus seguranças.

Na segunda imagem, ainda do 30 de novembro, vemos a estudante Rosângela Koerich (Rô), uma das mais ativas manifestantes daquele dia. Ela foi presa, junto com mais seis colegas da UFSC: Adolfo Luiz Dias, Ligia Giovanella, Amilton Alexandre (Mosquito), Geraldo Barbosa, Marize Lippel e Newton Vasconcelos Júnior.



O início dos protestos, nas proximidades do palácio



Dura repressão policial a protestos contra prisões

Quatro dias após a Novembrada e as prisões, a PM desencadeou uma violenta repressão (terceira imagem) aos manifestantes que se reuniram na Praça 15, em protesto contra as arbitrariedades do regime militar. Foram horas de pancadarias e novas prisões, exigindo a presença de deputados estaduais e federais, além de advogados – entre os quais Nelson Wedekin, da Comissão de Justiça e Paz, e Carlos Alberto Silveira Lenzi, representando a OAB-SC (Lenzi morreu na quinta-feira, dia 27).

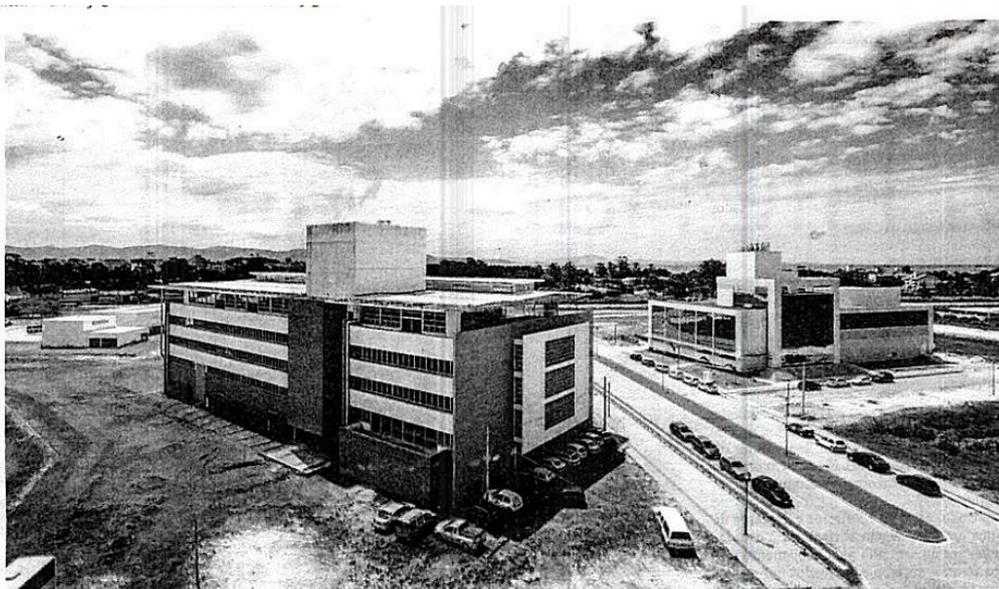
Os sete presos foram libertados após 15 dias. Responderam a processo com base na Lei de Segurança Nacional. Foram julgados e absolvidos pela Auditoria Militar do 3º Exército, hoje Comando Militar do Sul, em Curitiba.

Notícias do Dia - Cidade

"Nasce uma nova cidade"

Tecnologia / Sapiens Parque / Norte da Ilha / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Sesi / Serviço Social da Indústria / José Eduardo Azevedo Flates / Infraestrutura / Colônia Penal Agrícola de Canasvieiras / Casan / Companhia Catarinense de Água e Saneamento / Celesc / Centrais Elétricas de Santa Catarina / Operação Barriga Verde / José Vitor Amorim / Marco Zero / Ana Maria Corrêa Lima / Cachoeira do Bom Jesus / Rua Luiz Boiteux Piazza / Associação dos Moradores de Canasvieiras / Ponta das Canas / Lagoinha / Valdete Martins da Silva / Neusa Savi Mondo / Mobilidade / Centro de Convenções / Escola Municipal Ponta do Morro / Rua Allan Kardec / Softplan / Sustentabilidade / Florianópolis / Patrícia Manso

Construção.
As ruas
começam
a receber o
movimento
intenso dos
trabalhadores



Nasce uma nova cidade

Tecnologia. Sapiens Parque é a expectativa de futuro promissor para a região Norte da Ilha

EDSON ROSA
edson.rosa@ricsc.com.br
@ND_Online

O transporte coletivo ainda é precário e ultrapassado. O sistema viário tem sido readequado na base do improvisado. Falta água o ano todo. Os apagões na rede elétrica são localizados, mas persistentes. E os serviços de saneamento básico têm capacidade abaixo do crescimento desordenado. Mesmo assim, o Norte da Ilha é estratégico para desenvolvimento do Sapiens Parque, empreendimento de capital fechado implantado em 2006 com controle acionário do Estado.

Vencidos os desafios ambientais e jurídicos, o projeto ainda não fechou a primeira das cinco etapas, mas está consolidado por meio de parcerias com a iniciativa privada, UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e Sesi (Serviço Social da Indústria).

A meta até o fim de 2015 é a implantação de 30 projetos atualmente em fase de licitação, com o desenvolvimento de pelo menos outros 45.

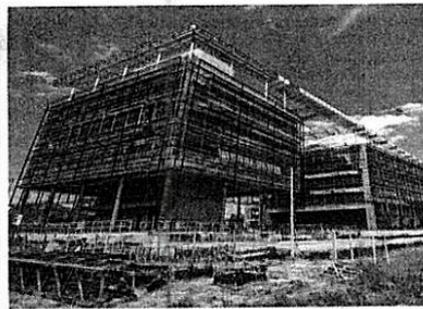
Para os próximos 20 anos a previsão é bem mais ousada, garante o diretor executivo José Eduardo Azevedo Fiates, 50, no Sapiens desde o marco inicial. O desafio é criar a infraestrutura adequada para o funcionamento da nova cidade, tecnológica e sustentável, com 257 unidades condominiais e empregos diretos para 27 mil pessoas. Tudo nos 4,3 milhões de metros quadrados da área da antiga Colônia Penal Agrícola de Canasvieiras, desativada em meados da década de 1970.

Nesta mesma área caberia uma vez e meia o polígono urbano entre a esquina das avenidas Beira-Mar Norte e Mauro Ramos, a cabeceira insular da ponte Hercílio Luz e o túnel Antonieta

de Barros. A diferença é que no Centro moram cerca de 200 mil pessoas e trabalham diariamente pelo menos outras 100 mil. "Enquanto aqui (no Sapiens) preservamos o importante bioma da mata atlântica", compara Fiates.

Hoje, 90% da água consumida em banheiros, limpeza e jardins é originária de reúso. Também está nos planos a compra de esgoto da Casan (Companhia Catarinense de Água e Saneamento) para tratamento, na estação do próprio Sapiens, e reutilização. "Fica mais caro, é necessária dupla tubulação. Mas este é o conceito de sustentabilidade", explica.

Para não ficar sem energia elétrica, começaram as tratativas para construção de nova subestação em terreno doado pelo próprio Sapiens. O projeto original da Celesc (Centrais Elétricas de Santa Catarina), previsto para o ano passado, foi adiado por falta de área disponível em Ingleses.



Infraestrutura. A previsão é de 257 unidades condominiais em 20 anos

EM NÚMEROS A formação do parque tecnológico

- Área: **431,5** hectares
- Capacidade: **257** unidades condominiais
- Potencial construtivo: **1,3** milhões de metros²
- Arrecadação tributária na implementação: **R\$ 1,2** bilhão
- Investimento total (em 20 anos, somando terreno, infraestrutura e edificações): **R\$ 2,430** bilhões
- Área verde preservada: **2,4** milhões m²
- Empregos diretos: **27** mil vagas
- Empregos indiretos: **33** mil
- Estacionamento privativo: **6.800** vagas
- Estacionamento público: **27.200** vagas
- Lagos: **115 mil** m²
- Sistema viário: **17** km

• Leia mais nas páginas 6 e 7

FONTE: SAPIENS PARQUE

Antigo modelo prisional

Mudança. Terreno que hoje é fonte de tecnologia, foi exemplo para o sistema carcerário catarinense

Restaurado, por fora o velho casarão retangular ainda parece o mesmo. É o que restou da Colônia Penal de Canasvieiras, que, sem grades ou muros, foi até a metade da década de 1970 modelo de inovação no hoje corrompido sistema carcerário catarinense.

Na entrada, as salas do diretor e do chefe de segurança eram passagem obrigatória à escadaria que levava ao segundo piso, alojamento que durante 40 anos abrigou condenados por crimes comuns, identificados por números pretos carimbados no uniforme de brim coringa azul. Os casados moravam em casas individuais, e seus filhos compartilhavam das mesmas brincadeiras e escola dos filhos dos guardas prisionais.

Misturados a presos políticos da Operação Barriga Verde, a caça a trabalhadores, estudantes e políticos ligados aos movimentos de esquerda contra a ditadura do governo militar, os últimos sentenciados da colônia foram libertados em 1975. Devidamente ressocializados e sem reincidência, o que ainda é motivo de orgulho para o ex-diretor, José Vitor Amorim, 75.

Nem todos ficaram por perto para entender a transformação do lugar. Por dentro, ar-condicionado, câmeras de monitoramento, computadores de última geração e reforço de ferro na velha estrutura com paredes e vigas de tijolos maciços garantem segurança e conforto de funcionários silenciosos, aparentemente bem-sucedidos e, é claro, bem pagos. Símbolo da primeira etapa do projeto, o Marco Zero, é a sede da incubadora do Sapiens.

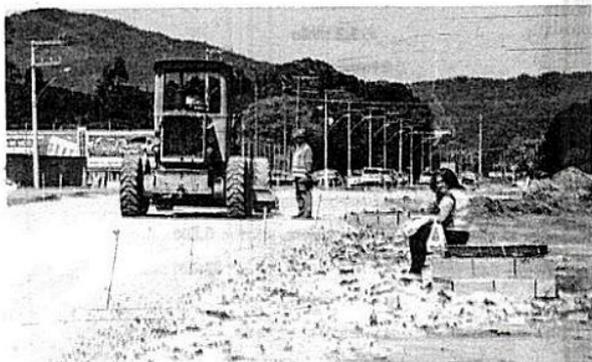
Salas envidraçadas e bem iluminadas, com vista privilegiada da planície cercada pelos morros de onde descem nascentes dos rios do Braz, Palha e Papaquara, deram nova função ao prédio remodelado em 2005. "A colônia representava a inovação para o sistema penal da época. O Sapiens manteve este conceito inovador no uso da área", compara o diretor executivo José Eduardo Azevedo Fiates, no projeto desde a implantação, em abril de 2006.

“A colônia representava a inovação para o sistema penal da época. O Sapiens manteve este conceito inovador no uso da área.”

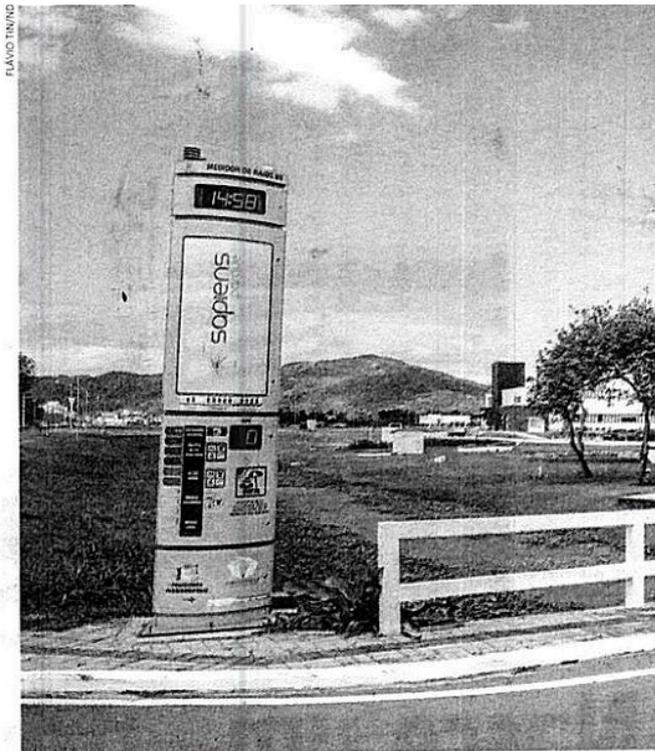
José Eduardo Azevedo Fiates, diretor executivo

“A gente vê tantos prédios novos sendo erguidos, parece uma nova cidade que surge. Deve ter empregos em diferentes áreas.”

Ana Maria Corrêa Lima, moradora da Cachoeira do Bom Jesus



Improviso. Com as obras na Luiz Boiteux Piazza, Valdete espera o ônibus sob o sol



Transtornos e demora na obra causam desconfiança

Se o futuro vislumbra um centro urbano com conceito ecológico, sustentável, funcional e tecnologicamente inovador, o presente tem sido desgastante para quem circula até mesmo motorizado pelo principal acesso ao Sapiens Parque. Em obras, o trecho da rua Luiz Boiteux Piazza entre o campo de futebol da Associação de Moradores de Canasvieiras e a rótula da SC-401 ficou ainda mais perigoso para pedestres, ciclistas e usuários do transporte coletivo.

Sentada desconfortavelmente sobre uma das caixas de concreto da nova rede de drenagem pluvial, à espera do ônibus para Ponta das Canas e Lagoinha, a dona de casa Valdete Martins da Silva, 53, resumiu o que enfrenta todos os dias. "Pular pedras, desviar de máquinas, engolir poeira e ficar embaixo do sol ou da chuva."

A demora aumenta a desconfiança de Valdete, que há uma década ouve propaganda favorável, mas pessoalmente ainda não percebeu os reflexos na qualidade de vida das comunidades do entorno. "Prometem mais infraestrutura e emprego, mas não conheço ninguém da região que trabalhe lá", critica.

Neusa Savi Mondo, 50, moradora da Cachoeira do Bom Jesus, reclamou da falta de abrigos na Luiz Boiteux Piazza. "É horrível sair do trabalho e ficar no sol", diz. A falta de infraestrutura urbana no Norte da Ilha, segundo ela, vai piorar nos próximos anos. A irmã mais nova e duas sobrinhas de Neusa, com experiência em tecnologia da informação, deixaram currículos na administração do Sapiens há dois anos, mas ainda não foram chamadas.

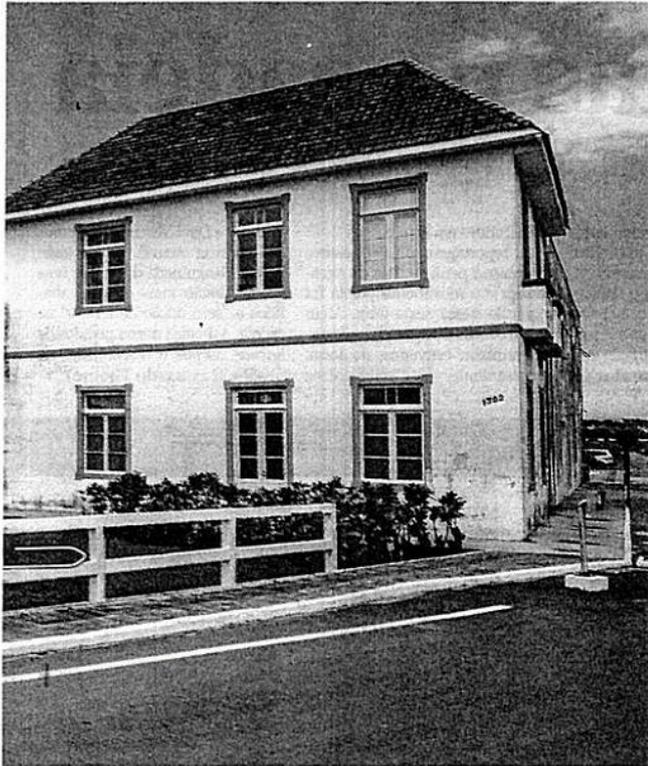
Novo sistema viário garante mobilidade

O alargamento da rua Luiz Boiteux Piazza e a construção de 300 metros de marginais na SC-401, defronte ao Centro de Convenções, integram o projeto do novo sistema do elevado que desafogará o acesso ao Sapiens e aos bairros de Canasvieiras, Cachoeira e Ponta das Canas. As mudanças no trânsito em torno do Sapiens, no entanto, não param por aí.

Entre os 17 quilômetros de arruamento previstos, está a abertura de ampla avenida entre a rua Luiz Boiteux Piazza e a SC-403. Serão construídas pistas de rolamento, calçadas para pedestres e cicloviárias, no trecho entre o campo do Grêmio, na Cachoeira, e da Escola Municipal Ponta do Morro, na Vargem do Bom Jesus.

Pronto e à espera de recursos para execução da obra, o projeto do sistema viário leste fechará o anel do Norte da Ilha e criará alternativa ao tráfego da rua Allan Kardec, atualmente a única ligação com Ingleses.

O traçado atravessará áreas de capoeira, onde se concentram espécies do primeiro estágio de regeneração da mata atlântica, intercaladas com densa floresta de *pinnus elliotti*. O corte da espécie exótica que se espalhou espontaneamente na região devido à proximidade com o antigo horto florestal do extinto IBDF (Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal), segundo Fiates, foi licenciado após licitação pública.



Reforma. Casa que pertenceu à Colônia Penal hoje é Marco Zero e incubadora do Sapiens

Indústria sem chaminé torna-se realidade

A caminho das praias, a moderna cidade da tecnologia começa a surgir em meio a resquícios da floresta de eucaliptos e pinus que predominava na extensa área pública ociosa desde a década de 1970. No principal centro empresarial do Sapiens, uma das obras mais avançadas é a sede da Softplan, a maior empresa de tecnologia da Grande Florianópolis e uma das maiores do Estado, com 28 mil metros quadrados de área construída.

Sustentabilidade é a base para implantação do laboratório urbano que pretende colocar Florianópolis definitivamente no ranking das cidades com melhor qualidade de vida do país. O desafio, aponta o diretor executivo José Eduardo Azevedo Fiates, é tornar real o conceito de indústria sem chaminé, atrair investidores e mão de obra qualificada.

"Em mais uma década, talvez menos, teremos toda a estrutura pronta para atender às 257 unidades condominiais projetadas", prevê Fiates; que não tem pressa. "O importante é garantir o enraizamento, a consolidação do empreendimento", diz. O número parece pequeno

para a grandeza da área, mas até o fim de 2015 serão pelo menos 1.500 pessoas empregadas em uma das unidades.

As vizinhas Ana Maria Corrêa Lima, 60, e Patrícia Manso, 45, moradoras na Cachoeira do Bom Jesus, pretendem estar entre os contratados, para isso deixaram seus currículos. Há dois anos na Capital, Patrícia, que veio da província de Córdoba, na Argentina, tem experiência como técnica de enfermagem, auxiliar de farmácia ou operadora de caixa, mas está preparada também para outras tarefas.

"Pode ser de camareira, na cozinha ou na limpeza", admite, sem saber exatamente o que encontrará pela frente. A expectativa da paulistana Ana Maria é a mesma, na Ilha desde 2010, quando foi lançado o Marco Zero do projeto.

"A gente vê tantos prédios sendo erguidos, parece uma nova cidade surgindo. Deve ter empregos em diferentes áreas", diz, sem saber que entre os focos da engrenagem do Sapiens estão formação profissional e qualidade de vida. "Tudo o que queremos é trabalho para ficar em Florianópolis", completa.

Veleiro terá missão ecológica

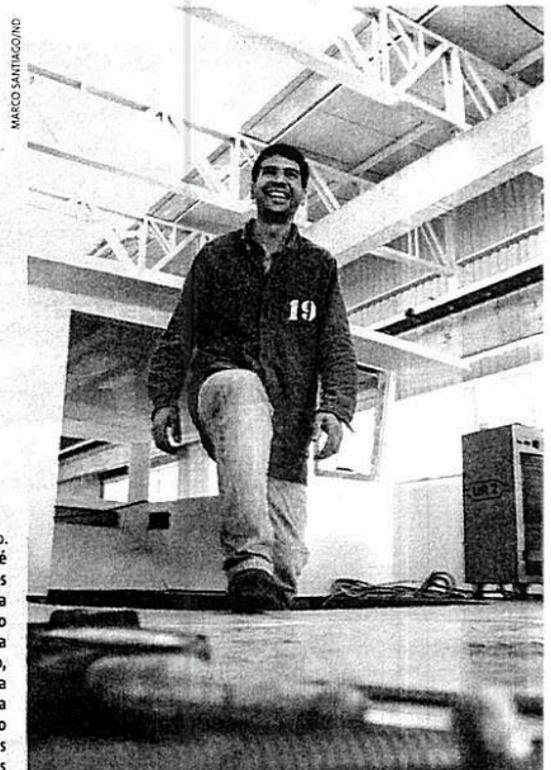
Qualificação foi o que garantiu o emprego do técnico em mecânica Cleber Guedes, 36, responsável pelos trabalhos de caldeiraria e soldagem do supereveleiro oceânico ECO UFSC, de 60 pés (18 metros), desenvolvido para pesquisas científicas marinhas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Estrutura, banheiros, anteparos e casco são de alumínio importado da Austrália, revestido com lã de pedra, materiais especiais para suportar as baixas temperaturas da Antártida, por exemplo. Retrátil, a quilha pode ser levantada para permitir navegação também em áreas de manguezal, com apenas um metro e meio de profundidade.

Na fase de acabamento, casario e móveis de bordo são construídos em fibra por Adrían Savaris, 24, há três anos no estaleiro ao lado de Cleber.

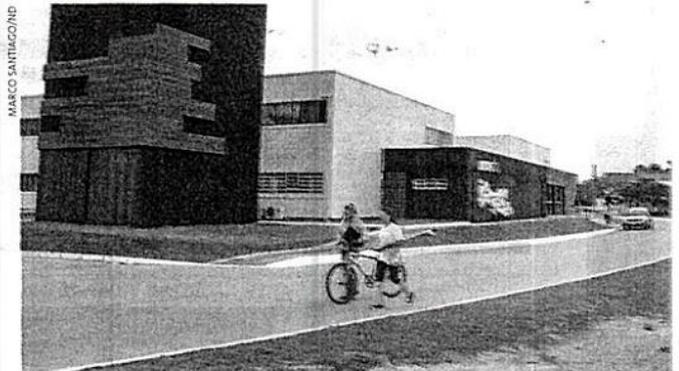
A embarcação é um dos projetos pioneiros do Sapiens, elaborado com mão de obra local pela SPS (Soluções Para Soldagens), empresa criada no laboratório de solda da engenharia mecânica da UFSC. Pelo ritmo atual, a dupla precisa de, pelo menos, mais um ano e meio para entregar a parte deles, antes das instalações hidráulica, elétrica e equipamentos de navegação. "Não fica pronto antes de quatro anos, pelo menos", avisa Guedes, que entre uma solda e outra não esconde o desejo de navegar no gigante que está ajudando a construir.

Leia sobre a inauguração do Centro de Eventos do Norte da Ilha na edição de segunda-feira



MARCO SANTILGON/ND

Movimento. Cleber (à dir.) é um dos técnicos em mecânica responsável pelo supereveleiro da UFSC. Abaixo, as amigas Ana Maria e Patrícia tentam emprego em uma das empresas



MARCO SANTILGON/ND

Notícias do Dia

Região

"Estudo da imobilidade urbana"

Plamus / Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis / Cláudia Martinelli / Transporte / Mobilidade / Ticen / Terminal Integrado do Centro / Deslocamento / População / UFSC / Estudo / Universidade Federal de Santa Catarina / Estreito / Kobrasol / Barreiros / São José / Maurício Feijó / Infraestrutura / Guilherme Medeiros / Biguaçu / Palhoça / BNDES / Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

Estudo da imobilidade urbana

Plamus. Diagnóstico dos gargalos da Grande Florianópolis é divulgado

FELIPE ALVES
felipe.alves@noticiasdodia.com.br
@ND_Online

Apenas 3% dos veículos que atravessam as pontes que ligam a Ilha ao Continente da Capital são ônibus. Eles levam 10 mil pessoas por hora nas viagens. Se os 240 coletivos que passam pelas travessias nos horários de pico transportassem as 18 mil pessoas que suportam, reduziria 6.200 automóveis por hora sobre as pontes. Essa é uma das primeiras análises divulgadas nessa sexta-feira pelo Plamus (Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis). O estudo envolve 13 municípios da Grande Florianópolis, 5.400 participantes e começou a ser feito em janeiro deste ano para fazer um panorama de como as pessoas se movem entre as cidades e propor soluções para os problemas enfrentados hoje.

O exemplo acima poderia ser uma solução para melhorar a mobilidade, principalmente nos horários de pico, e precisaria de boas condições e funcionamento do transporte coletivo. Mas, segundo Cláudia Martinelli, consultora de transporte do Plamus, o objetivo não é só fazer a análise do transporte, mas também da evolução de toda a estrutura urbana das cidades. "As pesquisas subsidiam o diagnóstico e os modelos de simulações para testar as proposições que podem ser boas alternativas para os problemas", explica. Por isso, as medidas não dizem respeito apenas ao transporte, mas a todos os fatores que envolvem mobilidade, como desenvolvimento urbano e integrações tarifárias.

Outra constatação do Plamus é que 70% das pessoas são obrigadas a passar pelo Ticen (Terminal Integrado do Centro) em suas viagens de ônibus, mostrando que o sistema está muito focado em apenas um terminal. "Não parece ser algo que otimize o sistema de transporte, por isso é importante repensar alternativas para isso", comenta Cláudia.

Desde janeiro, foram verificados os locais que mais causam congestionamentos, a frequência e ocupação de pessoas nos ônibus, os horários e locais de maior embarque e desembarque. Foi constatado o excesso de pontos de ônibus próximos uns dos outros, as principais dificuldades de quem usa bicicleta, transporte coletivo, ou de quem se locomove a pé.

Cerca de 60% vão de carro às praias

Um dos objetivos do estudo – entre eles o de origem e destino – é caracterizar o padrão de deslocamento da população e permitir o diagnóstico da mobilidade para propor melhorias de curto, médio e longo prazo. Empregos é o fator que mais atrai viagens entre os municípios da Grande Florianópolis. A Capital é a que mais atrai, principalmente para o Centro e a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Na sequência, vem o bairro Estreito, em Florianópolis, e Kobrasol e Barreiros, em São José.

No verão, o diagnóstico mostrou que o horário de superconcentração no trânsito é das 18h às 20h, em direção contrária às praias, sendo que 60% das pessoas usam carros para ir aos balneários. "Poderiam, por exemplo, colocar as vias em um único sentido durante uma hora, ou então fazer bolsões de estacionamento mais afastados das praias com serviços de vans", sugere a especialista.

Pesquisa em 13 cidades

Metodologia e principais constatações

1 Conceção e planejamento

1 Levantamento de dados em campo. Foram analisados dados do sistema viário, transporte coletivo, setores censitários e dados socioeconômicos (população e renda)

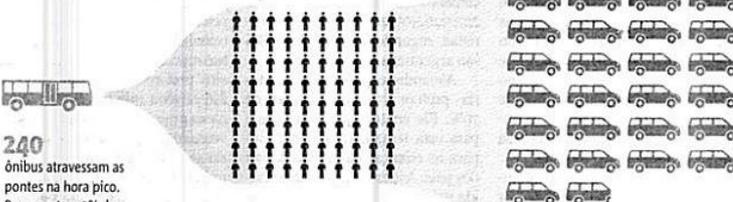
2 Conceção. Qualificação e escolha dos postos de contagem, rotas de transportes coletivos, rotas de automóveis, pontos de ônibus, cruzamentos, dimensionamento da amostra de pesquisa origem/destino e sorteio dos domicílios participantes

3 Preparação. Definição de cronograma, dimensionamento da equipe (105 pesquisadores), seleção e treinamento, montagem dos aplicativos para tablets e preparação de infraestrutura

4 Tabulação e controle de qualidade. Geração de informações para o modelo, cruzamento de dados e verificação e mapas temáticos

5 Montagem do banco de dados. Velocidades de automóveis, velocidades de coletivos, volumes de veículos, volumes de passageiros, quantidade de viagens, origem e destino das viagens

I O peso dos veículos particulares nas horas de pico



240 ônibus atravessam as pontes na hora de pico. Representam 3% dos veículos que fazem o trajeto durante o mesmo horário

Cada coletivo tem capacidade para transportar 75 pessoas, **18 mil** por hora no total

Cada ônibus cheio substitui 25,8 carros na hora do pico. Se todos estes ônibus circulassem cheios, são **6.200** carros a menos nas pontes por hora

I Locomoção dos entrevistados



Dos que andam a pé, **40%** colocaram a largura da calçada como maior problema. **30%** acham que o problema é o risco de atropelamento

Município	Nota
Biguaçu	1,5
São José	1,8
Florianópolis	1,9
Palhoça	1,9

Os quatro municípios acima tem as piores notas na avaliação do transporte público, que considera tempo de viagem, tempo de espera, regularidade, pontualidade, segurança, conforto, limpeza e informações nas viagens



I Temporada de verão

O horário crítico é a saída das praias, **entre 18h e 20h**, sendo que **59%** utilizam carro, **21%** vão a pé e **14%** de ônibus

Dos que andam de bicicleta, **65%** precisam de mais ciclovias e **50%** se sentem inseguros

Dos que usam transporte público, **80%** colocaram tempo de viagem, espera, regularidade e conforto como ruim e regular. **70%** reclamaram da falta de informação e pontualidade

Officinas na próxima semana discutirão soluções

De acordo com Maurício Feijó, arquiteto do Plamus, só expandir questões de infraestrutura para tentar melhorar a mobilidade só irá adiar o problema. "São processos insustentáveis. É preciso pensar modos mais eficientes de se deslocar. Transportes não vencem sozinhos os problemas de mobilidade, é preciso pensar em modos de estruturar urbanisticamente as cidades, misturar empregos com residências", observa.

A expectativa da equipe do Plamus é divulgar entre janeiro e fevereiro o relatório final do estudo,

apontando soluções ou melhorias para os problemas de mobilidade da região de Florianópolis. Segundo o coordenador do Plamus pela SC Parcerias, Guilherme Medeiros, o foco é trazer ações prioritárias, para dar caminhos e sugerir revisões de planos diretores, de decisões de planejamento e alternativas de mobilidades, integrando os municípios.

Passada a fase de análises do Plamus, agora os técnicos irão se reunir para finalizar as

discussões acerca de proposições para os problemas apontados. No dia 3 de dezembro, haverá uma oficina em São José com a prefeitura e aberta ao público para discutir soluções. No dia seguinte,

4, a oficina será em Florianópolis. Oficinas em Biguaçu e Palhoça também deverão ser agendadas. O Plamus é realizado por um consórcio contratado pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e custou R\$ 10,7 milhões.



RELATÓRIO

O documento final do Plamus, com a pesquisa e as soluções, será apresentado até fevereiro

Comportamento / Jornada de reflexão / Caminho / Caminho de Santiago / São Tiago Maior / Peregrinação / Inácio Stoffel / Psicologia / Livros / Águas peregrinas / Gertrud / Maria Cirlene Cordioli / Espanha / Inglaterra / Caminho de Shikoku / Japão / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Aline Dias da Silveira / Religião /

COMPORTAMENTO | JORNADA DE REFLEXÃO

O CAMINHO QUE NÃO TERMINA EM SANTIAGO

EM BUSCA DE um sentido e reflexão, cerca de 200 mil pessoas percorrem os pouco mais de 800 quilômetros todos os anos. O trajeto costuma produzir mudanças na forma de encarar a vida

A Santiago sempre se vai, nunca se chega. A frase é repetida por todos que já seguiram as setas amarelas que indicam os diversos caminhos que levam à mítica cidade, no noroeste espanhol. A rota chega a ter 1 mil quilômetros de extensão, dependendo da rota escolhida. Apesar da origem religiosa – São Tiago Maior era um dos doze apóstolos de Jesus Cristo –, a peregrinação que é feita há mais de 1 mil anos leva principalmente a uma reflexão interior que independe das crenças das igrejas.

Este ano, Inácio Stoffel, 65 anos, foi pela quarta vez ao Caminho de Santiago. Com algumas publicações na área da Psicologia, ele experimentou uma vertente literária nova após as primeiras viagens e chegou a escrever dois livros de ficção: *Águas Peregrinas* e *Gertrud*. De acordo com ele, o período de reflexão e as pessoas que encontrou nas caminhadas o inspiraram a se tornar um romancista.

– No caminho, você faz uma descoberta interna que vai com você pelo resto da vida. Não é em Santiago que a jornada termina, mas onde ela começa – diz.

No caso da catarinense Maria Cirlene Cordioli; 62 anos, a saga peregrina ser-

viu como um estímulo a enfrentar novos desafios. Após a primeira caminhada na Espanha, já foi andar na Inglaterra e se prepara para o Caminho de Shikoku, no Japão, que tem mais de 1,2 mil quilômetros de extensão.

– Gostaria de fazer uma caminhada em cada continente. Ainda tenho tempo e energia para isso – brinca Maria Cirlene.

RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

O desafio mental de cada peregrino não está atrelado a uma religião, mas sim a uma religiosidade individual, defende a professora de história medieval da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Aline Dias da Silveira, que estuda religiões no período:

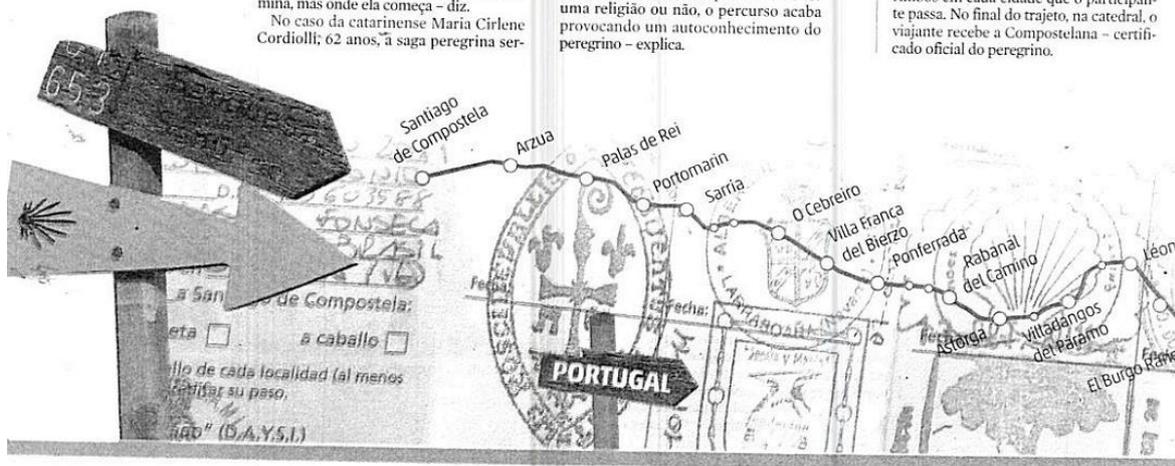
– A religião está ligada a uma instituição política. Já a religiosidade é a ligação da pessoa com um ente divino, o que remete a um silêncio pessoal. A longa caminhada deve ajudar nesse processo de reflexão. Por isso, independente de ter uma religião ou não, o percurso acaba provocando um autoconhecimento do peregrino – explica.

A ORIGEM DOS PEREGRINOS

A história oficial relata que em 813, um pastor de nome Pelaio teria sido guiado por uma milagrosa "chuva de estrelas" que indicava a localização de um túmulo no monte Libradón, que depois foi anunciado como de São Tiago Maior, apóstolo de Jesus e irmão de São João Evangelista. Nos anos seguintes, o caminho se tornou uma região de peregrinos que hoje atrai mais de 200 mil pessoas por ano, com diferentes rotas, principalmente Espanha, França e Portugal. A historiadora Aline Dias da Silveira explica os motivos:

– Havia um receito da Igreja Católica de uma expansão do islamismo na Península Ibérica. Nessa época, século 5, houve o surgimento dos santos, e seus túmulos ajudavam igrejas a arrecadar riqueza.

Com o tempo, Compostela desenvolveu suas próprias tradições, como o da concha (chamada de Vieira) e a seta amarela, que ajudam a orientar os peregrinos durante o trajeto. Outro item é a cartela das associações mundiais para receber os carimbos em cada cidade que o participante passa. No final do trajeto, na catedral, o viajante recebe a Compostelana – certificado oficial do peregrino.



Enfoque Popular Meio Ambiente "Delimitação de APPs"

Delimitação / APPs / Araranguá Ozair da Silva / Sandro Maciel / Adair Jordão / 4ª Promotoria de Justiça de Araranguá / Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente / CME / Promotoria Regional de Criciúma / Sandro José Neis / Paulo Antônio Locatelli / Henrique Laus Aieta / Luiz Fernando Góes Ulysséa / Código Florestal / Diagnóstico sócio-ambiental / José Gonçalves Elias / Lagoa do Caverá / Fatma / Fundação do Meio Ambiente / EIA-Rima / Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental / UFSC / Jardim das Avenidas / Carbonífera / Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá / EAS / Estudo Ambiental Simplificado



Enunciados de delimitação de APPs em áreas urbanas consolidadas foram apresentados em evento no Hotel Morro dos Conventos.

Araranguá

Na manhã de quinta-feira, 27, no auditório do Hotel Morro dos Conventos, o presidente da Câmara Municipal, Ozair da Silva, o Banha (PT), o prefeito Sandro Maciel, o vereador Adair Jordão (PT), representantes da administração municipal, de entidades e comunidade em geral compareceram em peso à apresentação e debate dos enunciados de delimitação de APPs em áreas urbanas consolidadas em evento promovido pela 4ª Promotoria de Justiça de Araranguá, em parceria com o Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente (CME) e da Promotoria Regional de Criciúma.

A iniciativa contou com a presença do procurador de Justiça, Sandro José Neis, do

coordenador do Centro de Apoio Operacional do Meio Ambiente (CME), o promotor de Justiça Paulo Antônio Locatelli; o promotor de Justiça da Comarca de Araranguá, Henrique Laus Aieta, e o promotor de Justiça, Luiz Fernando Góes Ulysséa, da 9ª Promotoria de Justiça de Criciúma. As autoridades destacaram alguns pontos a respeito da legislação ambiental e esclareceram dúvidas da população.

Alguns dos tópicos mais evidenciados pelos representantes foram a responsabilidade dos municípios ao tomarem decisões referentes à legislação ambiental e a importância da realização de um diagnóstico sócio-ambiental. "Se o município tiver um corpo técnico e um órgão ambiental capacitados, o prefeito, a administração estarão seguros", ressaltou Neis, referindo-se a futuras sanções que um município poderá sofrer se não dispor de toda a orientação e conhecimentos necessários.

"É preciso que se tenha cuidado com as regras, leis municipais para que não gerem ações milionárias a serem pagas pelo município", lembrou o procurador, salientou a importância do cumprimento do Código Florestal de 2012.

"A gente percebe que os problemas não mudam de cidade para cidade; os municípios estão doentes. Se há um problema com relação às dunas, por exemplo, temos que fazer o diagnóstico sócio-ambiental", explicou Locatelli.

LAGOA DO CAVERÁ

Ao fim da apresentação, no período da leitura das indagações da comunidade, o agricultor José Gonçalves Elias, um dos principais moradores à frente da luta pela recuperação da Lagoa do Caverá, relembrou o problema às autoridades e pediu um encaminhamento às autoridades. "Nós da comunidade criamos gado e quase não tem mais água para os

animais. Desde 1991, não foi feito nada de concreto", declarou Elias.

O chefe do Legislativo também reforçou a questão e a urgência de uma resposta da Fatma. A Fundação do Meio Ambiente, quanto à licença relativa à obra para viabilização da barragem para recuperar o nível das águas do manancial, que está secando.

Diante das solicitações, Aieta comprometeu-se em marcar um encontro com a equipe da gestão de licenciamento da instituição para dezembro. "Marcaremos uma reunião para verificar a questão do EIA-Rima (Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental), na última semana, antes do dia 20", salientou o promotor de Justiça.

AUDIÊNCIA

Banha também aproveitou para convidar os presentes a participarem da audiência pública com a participação de vereadores,

entidades e autoridades, sobre a recuperação das áreas degradadas pela mineração de carvão, no auditório da Unisul/UFSC, no campus de Araranguá, situado no bairro Jardim das Avenidas. A reunião está marcada para o dia 2 de dezembro, às 19 horas. A audiência trará para a discussão o impacto provocado pela atividade carbonífera na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá. A iniciativa tem o apoio da Câmara Municipal e da Fatma, a Fundação Ambiental do Município de Araranguá. A realização é da 4ª Vara Federal de Criciúma. "Será uma audiência pública para discutir sobre a apresentação do relatório das atividades realizadas pelas carboníferas de toda a região em decorrência da exploração do carvão", lembrou o legislador.

RELEMBRANDO

O legislador esteve na capital em maio com outros vereadores em busca de respostas sobre a liberação da

licença ambiental da obra da Lagoa e a análise do EAS, o Estudo Ambiental Simplificado. Na oportunidade, foram informados sobre a necessidade da realização de um EIA - RIMA, que é um estudo detalhado, mais caro e que em média leva um ano para ser concluído.

Desde então, o Legislativo esteve se reunindo com agricultores para elaborar ações no intuito de trabalhar para que a esperada obra saia de fato. A Lagoa é considerada o maior manancial de água doce do Estado e banha os municípios de Araranguá, Sombrio, Balneários Arroio da Silva e Gaivota. O projeto, de responsabilidade do Deinfra, o Departamento Estadual de Infraestrutura, para a construção da barragem é voltado à recuperação do nível das águas. A Lagoa atualmente sofre com o assoreamento e, por consequência desse problema, está secando dia após dia.

Mobilidade / Grande Florianópolis / Transporte coletivo / Trânsito / Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis / UFSC / Transporte público / Ponte Colombo Salles / Guilherme Medeiros / Florianópolis / Tráfego / Claudia Martinelli / Logit Plamus

MOBILIDADE | GRANDE FLORIANÓPOLIS

Transporte coletivo deve ser prioridade

ESTUDO APONTA principais entraves do trânsito na região da Capital e necessidade de mudanças

MILENA LUMINI
milena.lumini@diario.com.br

O resultado final das pesquisas do Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis foi apresentado ontem para cerca de cem pessoas na UFSC. O estudo mostrou os principais entraves do trânsito na região metropolitana e apontou a necessidade de rever a lógica que gere a mobilidade na Capital – priorizando o transporte público em vez dos automóveis. Um dos levantamentos mostra que 75% dos veículos que ocupam a Ponte Colombo Salles no horário de pico são carros. Eles ocupam 90% da capacidade da ponte e transportam cerca de 11 mil pessoas. Em contrapartida, os ônibus representam apenas 3% dos veículos, ocupam 1% da capacidade da via e transportam quase o mesmo número de pessoas: 10 mil passageiros. Caso fossem priorizados, os ônibus que hoje atravessam a ponte no horário de pico poderiam levar até 18 mil pessoas – o que poderia tirar 6,2 mil carros deste tráfego.

Deslocar-se por transporte coletivo, contudo, gera insatisfações para além das filas. A maior reclamação dos usuários apontada no estudo é o tempo de viagem, que chega a ser o dobro do deslocamento por carro. Em seguida, está a falta de informação e a pontualidade dos veículos. Para os ciclistas, a maior insatisfação é a falta de ciclovias e de segurança. Já os pedestres se incomodam principalmente com a largura das calçadas.

De acordo com o coordenador Guilherme Medeiros, as informações do Plamus estão sendo repassadas às prefeituras dos 13 municípios envolvidos. A intenção é contribuir com a revisão e elaboração dos planos diretores das cidades para integrar a mobilidade urbana à ocupação do solo.

Uma das conclusões do estudo é que os locais de trabalho e residência estão segregados. Os empregos estão concentrados no centro de Florianópolis de modo que no horário de pico, 70% dos veículos se deslocam em um sentido e 30% no outro. Com uma melhor distribuição, o tráfego seria diluído em ambos os sentidos.

– Não tem como pensar em um sistema de transportes sem pensar em reorganização urbanística da cidade – disse Claudia Martinelli, que apresentou o estudo e é representante da Logit, uma das empresas que compõem o consórcio do Plamus.



De acordo com pesquisa, demora e falta de informação são os principais problemas citados por usuários de ônibus

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Antes da Fuvest, candidatos disputam sombra em SP](#)

[À espera da Fuvest, candidatos disputam espaço sob guarda-sol](#)

[Índice geral de abstenção do vestibular do IFSC foi de 25,4%](#)

[Antes da Fuvest, candidatos disputam sombra em SP](#)

[Falta de infraestrutura urbana não é obstáculo à consolidação do Sapiens Parque no norte da ilha](#)

[Desembargador Lédio Rosa autografará "Contos Fora da Lei"](#)

<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/11/18/navegando-com-energia-solar/>